

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 16 | Nº 47 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10275781>



FUTURO (IM)PERFEITO: O “COTIDIANO”

DAS POPULAÇÕES REASSENTADAS RETRATADO PELA LITERATURA CIENTÍFICA

Fabiane Aparecida Silva Bortone¹

Ana Louise Carvalho de Fiúza²

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão da bibliografia científica acerca da temática da vida no pós-reassentamento. Seu objetivo principal é analisar como a literatura descreve o sentido de pertencimento e a apropriação cotidiana experienciada pelos sujeitos reassentados. Foram analisados 16 artigos selecionados através de uma busca no banco de dados das bases de pesquisa Web of Science e Scielo, os quais tinham o “reassentamento” e o “cotidiano” como categorias de análise. Os artigos selecionados, após excluir as tabelas, figuras e referenciais bibliográficos, compuseram um único *corpus* que foi analisado de forma manual, através da análise de conteúdo e com o auxílio do software IRaMuTeQ. Os resultados referentes às realidades analisadas revelaram as táticas utilizadas pelos reassentados para se refazerem no novo “lugar” e a forma como estes sujeitos se relacionam socialmente e com o próprio espaço social. É possível concluir que, ainda que vitimizados, estes sujeitos ao agirem no cotidiano se tornam agentes das suas próprias vidas, num contexto em que a ação e a linguagem utilizada nunca é neutra e, sim instituída, intencional e composta pelas perspectivas e condutas dos sujeitos no mundo.

Palavras-chave: Apropriação; Cotidiano; Reassentamento.

Abstract

This article presents a literature review on the topic of life after resettlement. Its main objective is to analyze how the literature describes the sense of belonging and everyday appropriation experienced by resettled subjects. We analyzed sixteen articles which were selected through a search in the database of the Web of Science and Scielo research bases, which had “resettlement” and “daily life” as analysis categories. The selected articles, after excluding tables, figures, and bibliographical references, composed a single *corpus* that was analyzed manually, through content analysis and with the aid of the IRaMuTeQ software. The results regarding the realities analyzed revealed the tactics used by the resettled to rebuild themselves in the new “place” and the way in which these subjects relate socially and with the social space itself. It is possible to conclude that, even though victimized, these subjects, when acting in daily life, become agents of their own lives, in a context in which the action and the language used is never neutral, but rather instituted, intentional, and composed by the perspectives and conducts of the subjects in the world.

Keywords: Appropriation; Daily Life; Resettlement.

¹ Graduada, mestre e doutoranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail para contato: fabiane.bortone@ufv.br

² Professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Rural do Rio de Janeiro (URJ). Email: louize@ufv.br



INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a temática da vida no pós-reassentamento. Argumenta-se que a apropriação do lugar é baseada em diferentes percepções, sentidos e significados, muito decorrentes das diferentes estratégias e táticas utilizadas para lidar com o processo de deslocamento e com o reassentamento na reconstrução da vida cotidiana.

As famílias que passam pela experiência do reassentamento sofrem processos de alteração do seu cotidiano, das suas relações sociais e culturais e vivem momentos de incertezas, seja com relação ao futuro, em decorrência da falta de informação - condição características desse tipo de processo como, também, em relação ao presente, frente às impossibilidades que normalmente a nova vida oferece. Apesar das recomendações e ações previstas pela legislação, a participação e a desinformação impactam nas decisões acerca da manutenção das condições materiais e imateriais desses atingidos, e os efeitos do reassentamento sobre as populações locais são incalculáveis, ainda mais que materialmente e simbolicamente, existem pontos que não podem ser reconstruídos, recompostos ou mesmo recompensados financeiramente.

Para sustentação teórica deste artigo abordou-se além das teorias que norteiam a temática do reassentamento, seus impactos e conflitos a análise do cotidiano e a forma como estes sujeitos se refazem social e espacialmente. Ao buscar abordar os sentidos cotidianos no reassentamento pretende-se explorar as diferentes maneiras pelas quais as famílias reassentadas manifestam seus sentimentos e se posicionam espacial, social e economicamente ao se apropriar cotidianamente do novo lugar. Isso porque se refazer se apresenta como uma condição necessária à vida desses reassentados que não podem mais retornar ao seu local de origem.

Logo, não se trata apenas de direitos e deveres ou simplesmente de formas de identificação com grupos ou com outras pessoas. É também sobre a formação de lugares construídos. É revelar, a partir das manifestações pessoais, materiais e coletivas as maneiras pelas quais o cotidiano tem consonância com a estabilidade do indivíduo, a sua relação com o outro e com o espaço. Para tanto, busca-se com este artigo analisar como a literatura descreve o sentido de pertencimento e a apropriação experienciada no cotidiano da vida pós-reassentamento.

Estruturalmente este trabalho está dividido em quatro momentos distintos, sendo o referencial teórico-conceitual, os procedimentos metodológicos, os resultados e discussão e a conclusão. No referencial teórico-conceitual busca-se apresentar uma breve contextualização acerca do reassentamento enquanto alternativa mais viável para reduzir ou minimizar os impactos aos deslocados, trazendo alguns dados acerca desta política de remoção. Em seguida, trazemos à discussão um olhar para as práticas



cotidianas, para as regras e para os movimentos invisíveis que dotados de materialidade, de sentidos e de significados ressignificam a vida e produzem a existência. Assim, pauta-se uma discussão nas singularidades que configuram as relações sociais e espaciais de apropriação individual e/ou coletivas que se revelam na heterogeneidade dos percursos vividos.

Na seção de procedimento metodológicos descreve-se o passo a passo das etapas de constituição desta revisão, com detalhes sobre o método de busca e de análise dos artigos, apresentando o procedimento e o software utilizado, os critérios de inclusão e exclusão de artigos, a constituição do corpus, as etapas de análise de conteúdo manual e com o auxílio do IRaMuTeQ. Por sua vez, nos resultados e discussões foram apresentadas as três categorias que emergiram da análise de dados: Apropriação e (in) funcionalidades do reassentamento; reassentamento enquanto Lar: a casa e o lugar e o reassentamento: processos, direitos e violações.

À guisa das considerações finais ressalta-se que a importância deste estudo consiste na possibilidade de produzir reflexões teórico-práticas acerca da realidade experienciada pelas famílias reassentadas no mundo como um todo. Assim, considerando que o reassentamento tem se tornado a melhor opção aos deslocados principalmente os mais pobres e vulneráveis e que, os impactos e consequências tem sido semelhantes se comparados as várias realidades de reassentamento no Brasil e no Mundo, torna-se fundamental o aprofundamento nessa temática para cada vez mais (re)pensar estratégias de políticas públicas que auxiliem e minimizem os impactos vividos.

REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

O reassentamento é um programa de realocação de pessoas descrito pelo Banco Mundial como um “processo pelo qual aqueles afetados adversamente (por projetos de desenvolvimento econômico ou outras formas de apropriação da terra) são auxiliados em seus esforços para melhorar ou, pelo menos, restaurar sua renda e padrão de vida” (BANCO MUNDIAL, 2018). Descrito enquanto uma forma distinta de deslocamento de pessoas, sua principal característica está na forma pela qual se realiza, visto que as condições em que pessoas se deslocam, voluntariamente ou não, são determinadas pelas autoridades em momentos que antecedem o próprio deslocamento.

Segundo Frigo e Ferreira (2023), os estudos de viabilidade que direcionam a estes processos de reassentamento muitas vezes apresentam diferentes opções de construir o empreendimento algumas delas até sem precisar destruir, inundar e deslocar a população local contudo, o quesito que condiciona a escolha do local de implantação não são os impactos sociais e ambientais, mas os interesses políticos e econômicos que sobressaem ao projeto. Dessa forma, na maioria das vezes o fator decisivo está no



ponto de maior geração de energia, maior lucratividade ainda que para isso se ignore os impactos que virão.

Se considerarmos o grau de planejamento, preparação e investimento destinado a processos de deslocamento seguido do reassentamento pode-se afirmar que são essas características que o distinguem dos movimentos reativos a desastres ou conflitos, ou outras formas de deslocamento auto direcionadas em respostas às mudanças econômicas e espaciais rápidas. Contudo, ainda que uma preparação faça parte de todo o planejamento, Reddy, Smyth e Steyn (2015) destaca que, o processo de reassentamento é complexo, multifatorial, multidimensional, multi-ator, multiescalar e multinível, pois envolve decisões que vão além do simples ato de deslocar.

Os estudos que se dedicam à análise do reassentamento e em destaque para o pós-reassentamento indicam que a desapropriação e o deslocamento forçado de pessoas de seu espaço físico, seus meios de subsistência e relações sociais e culturais também apresentam riscos que potencialmente geram o empobrecimento (CERNEA, 2006). Autores como Hanna *et al.*, (2016), VanCleeef (2016) abordam em seus estudos os impactos experienciados após o deslocamento, traçando um comparativo entre a vida vivida antes e a imposta com o reassentamento; outros autores descrevem as perdas e o empobrecimento dos sujeitos reassentados (RODRIGUES; CAVALCANTE, 2022; MATOS; MEDEIROS, 2015; ESPEJEL, 2013; RODRIGUES, 2013; BARTOLOME; DANKLMAIER, 2012; SANTOS, 2007). Há também autores como Vanclay (2023), Parente e Silva Júnior (2020) que trazem uma reflexão sobre identidade e resistência, mencionando as dificuldades vivenciadas na busca pela prevenção desses impactos ou maiores possibilidades de negociação. No entanto, durante o processo de reassentamento as famílias perdem não apenas a segurança financeira e material, perdem também o sentido de pertencimento fornecido pelo lugar (RUSANSKY, 2021).

Considerando que a vida no reassentamento precisa acontecer, a proposta é pensar a apropriação do reassentamento a partir das atividades cotidianas. A literatura aborda que a vida cotidiana tem sido vista a partir de um olhar performático das rotinas diárias (GOFFMAN, 1975), incorporada a uma estrutura social de regras (ELIAS, 2000) e posicionamentos pautados pelo *habitus* (BOURDIEU, 1994). Se considerarmos que o reassentamento é sempre proposto e planejado por aqueles que não irão nele morar trazemos à discussão Certeau (2012) que fala do consumo das regras, das disciplinas, das ordens. Contudo este autor também destaca como este homem, sujeito a todo momento, é capaz de utilizar de táticas para driblar às estruturas formais – e não apenas explicar como elas funcionam. E, é este ser criativo que configura o homem comum e que será foco de análise deste artigo.

Não se tem aqui a pretensão de fazer análises aprofundadas sobre as teorias do cotidiano, mas sim de apresentar a visão de Certeau que orientará as análises da literatura amostral. Neste artigo o



cotidiano é visto como algo dado, onde o sujeito não pode fugir ou simplesmente deixar de vivenciar, logo, o olhar se faz para criatividade dos sujeitos, caracterizados pelo autor como “homens ordinários”, capazes de construir o seu cotidiano, de reinventar a vida e deixar assim marcas em suas práticas diárias. Segundo Gouvêa (2014), os sujeitos constroem uma identidade própria a partir das práticas cotidianas, não atuando apenas como meros reprodutores.

Neste sentido, o cotidiano é segundo Certeau, Giard e Mayol (2013)

[...] aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU; GIARD; MAYOL, p. 31, 2013).

Isso porque o cotidiano é capaz de aprisionar o sujeito, não apenas o constituindo de opressões, mas também de liberdades identificadas a partir das sutis práticas de resistências criadas diariamente, o que Certeau (2012) vai identificar como movimentos invisíveis. O autor entende que existe um jogo de forças, uma diversidade de interesses coexistindo entre os diferentes sujeitos que compartilham do mesmo espaço.

Este jogo de forças define as práticas denominadas por estratégias como sendo “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que torna possível um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) se sobressair ao outro” (CERTEAU, 2012, p. 93). Dessa maneira, a estratégia é praticada pelo sujeito de poder e, além disso, é institucionalizada, operando de maneira calculista – uma vez que o poder permite esse cálculo.

Em consonância às práticas cotidianas desse movimento invisível o autor define a tática como uma “ação calculada que é determinada pela ausência do próprio. A tática não tem por lugar senão o do outro” (CERTEAU, 2012, p. 94-95). A tática, portanto, se configura como uma prática do fraco, ou seja, aquele que não possui poder – mas que nem por isso deixa de exercer sua arte de reproduzir-se diante daquilo que lhe é imposto. A tática ocorre de maneira a aproveitar cada momento: “Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 2012, p. 94-95).

Assim, percebe-se que apesar de coexistirem, as estratégias e as táticas são fortemente distintas entre si. Enquanto a estratégia é praticada calculadamente, a tática parte do improvisado, da esperteza. As táticas são subversões do sujeito às normas e às leis, ou seja, são formas de fugir àquilo que se tenta impor ao homem ordinário, configurando-se como formas de recriação do próprio cotidiano. É compreensível que as táticas também sejam práticas investidas de poder, mas ao contrário das estratégias são temporárias, momentâneas e não são impostas a todos do grupo.



Diante disso, as práticas cotidianas são realizadas da maneira que for mais conveniente ao sujeito (CERTEAU, 2012). Este está intimamente ligado aos valores educacionais herdados em um determinado grupo social: “[...] ela se encarrega de promulgar as ‘regras’ do uso social, enquanto o social é o espaço do outro, e o ponto médio da posição da pessoa enquanto ser público” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 49). O autor busca desconstruir a figura do homem comum como mero consumidor da realidade imposta para revelar a figura de um sujeito autor capaz de transformar o que lhe é dado da maneira que lhe for mais conveniente, capaz de inventar a vida, o seu cotidiano.

Ao descrever sobre os sentidos e significados do cotidiano vivido nos lugares pelos sujeitos reassentados direciona-se o olhar também para “demonstrar como e por que uma apreciação mais profunda das coisas nos leva a uma apreciação mais profunda das pessoas”, conforme proposto por Miller (2013, p. 12). Segundo o autor, “a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar a nossa humanidade é dar atenção à nossa materialidade fundamental” (MILLER, 2013, p. 12). Sendo a casa permeada de tantas coisas, de tanto passado e presente, ela se revela com um meio de constante configuração e reconfiguração dos modos de viver e de morar, constituidora de um lugar no mundo, na comunidade. O foco, portanto, está não apenas na representação material enquanto parte isolada da vida das pessoas, mas sim em sua complexidade como parte integrante e inseparável dos relacionamentos da vida moderna.

METODOLOGIA

A fim de analisar como a literatura aborda a forma como os sujeitos reassentados se refazem no lugar, constroem sentidos e significados a partir da dinâmica da vida cotidiana, realizou-se uma busca nas bases de dados eletrônicas, Scielo e Web of Science, no período compreendido entre agosto de 2021 a dezembro de 2022. Como descritores foram utilizadas as palavras-chave “reassentamento” e “cotidiano”, nos idiomas português e inglês. Para a combinação dos termos foi utilizado o operador booleano “and”. A busca resultou em um total de 883 publicações. As publicações foram exportadas em formato Bibitex para o organizador de referências Rayyan onde 185 artigos foram removidos por duplicidade e ambiguidades.

Em seguida, elegeu-se como critério de inclusão para leitura dos títulos e resumos das publicações o aparecimento um das duas palavras-chave no título e/ou no resumo. Assim, dos 698 registros em triagem, 638 foram excluídos por não se adequarem ao critério de elegibilidade proposto, restando 60 publicações que seguiram para leitura na íntegra do artigo. A leitura das publicações pautou-



se em buscar nos artigos dados sobre a vida dos reassentados após a mudança para o reassentamento, dos quais, 16 artigos se destacaram.

Os artigos selecionados foram analisados de forma manual através da análise de conteúdo de Bardin (2011) e com o auxílio do software IRaMuTeQ (Interface de R puor Lês Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). O IRaMuTeQ trata-se de um programa de processamento de dados livre que se ancora no software R, que auxilia na organização e análise estatística de textos.

Foi composto um único corpus com os artigos, excluindo os resumos, quadros e tabelas e referências bibliográficas. Este corpus foi, inicialmente, lido por várias vezes até obter uma noção completa de todos os artigos, a partir do qual permitiu dividir o texto em alguns temas principais e, posteriormente, categorizá-los em relação aos seus significados (BARDIN, 2011).

Em um segundo momento, validou-se as escolhas com o auxílio do IRaMuTeQ. A partir do software foi possível extrair deste corpus dois tipos de análise de conteúdo: a “Classificação Hierárquica Descendente” e a “Análise de Similitudes”. A classificação hierárquica descendente (CHD) visa categorizar os vocábulos com base na frequência que apresentam as classes lexicais dentro do corpus elaborado. Por essa razão, o método é frequentemente utilizado com o objetivo de identificar um agrupamento de palavras (clusters) que se assemelham e se repetem no corpus textual, dessa forma, embora tenha uma caráter quantitativo de encontrar aproximações possíveis é possível realizar inferências acerca das condições de produção de uma mensagem e seus efeitos interpretativos em dada realidade (BARDIN, 2011). Já a Análise de Similitudes se baseia na teoria dos grafos, possibilitando a identificação das coocorrências entre as palavras e seu posicionamento textual facilitando na identificação da conexão entre as mesmas, auxiliando na identificação da estrutura de representação do conteúdo do discurso utilizado (MARCHAND; RATINAUD, 2012).

A partir dos dados textuais obtidos pela análise manual e pelo software, os resultados foram comparados e analisados. As análises comparadas tiveram como objetivo extrair dos textos as evidências que demarcavam as áreas temas as quais tinham como pergunta norteadora: como a literatura científica descreve o cotidiano da vida dos sujeitos no pós-reassentamento?

RESULTADOS E ANÁLISES

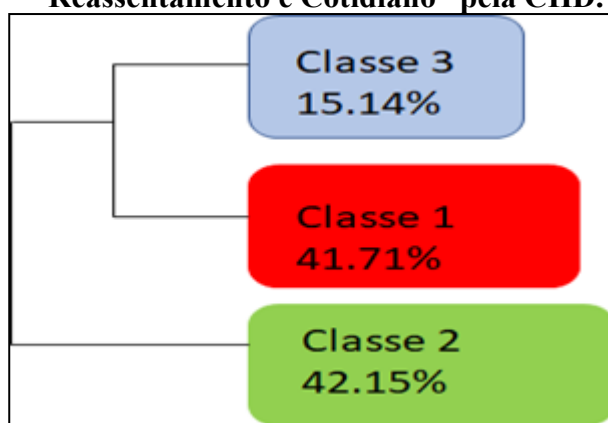
O processamento do corpus no software IRaMuTeQ foi realizado em 1 minuto e 58 segundos e emergiram 125.137 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 7.938 palavras distintas e 2.268 destas apareceram com frequência maior ou igual a 4 vezes no texto. Foram classificadas 3.492 UCE



(Unidades de Contexto elementar ou segmentos de textos), das quais 2.695 foram aproveitadas, ou seja, 77.18 % do total do corpus, sendo considerado um bom aproveitamento de UCE o índice superior a 75%, conforme proposto por Camargo e Justo (2018).

Após o processamento e o agrupamento quanto às ocorrências das palavras, a CHD criou o seguinte dendograma das classes, Figura 1. Na organização do dendograma, a divisão de classes indica que as palavras elencadas se relacionam significativamente com uma frequência maior entre si e com as classes de palavras que se subdividem.

Figura 1 – Divisão do *corpus* “Reassentamento e Cotidiano” pela CHD.



Fonte: Elaboração própria.

Nesta perspectiva, o *corpus* se subdivide em duas ramificações sendo que uma delas se subdivide em outras duas a partir do total em análise. A primeira ramificação se subdividiu em dois *subcorpus*, 1 e 3 que, embora apresentem um conteúdo comum, se diferenciam entre si e se opõem com relação ao conteúdo da outra ramificação. O *subcorpus* 1 obteve 1124 UCE e 41.71% do total de UCE, enquanto o *subcorpus* 3 obteve 408 UCE, que corresponde a 15.14% do total. Em oposição temos o *subcorpus* 2 que não se subdividiu e obteve 1163 UCE, correspondendo a 43.15 % do total textual.

A figura 02 foi adaptada a partir dos dados sobre os segmentos de texto (ST) e os cálculos estatísticos que levam em conta a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) dos itens lexicais presentes nos segmentos de texto do *corpus* e as 3 classes de palavras organizadas em *subcorpus* estabelecidos.



Figura 2 - Dendograma do *corpus* Classificação por Categoria

Classe 2		Classe 1		Classe 3	
43.15%		41.71%		15.1%	
Reassentamento enquanto Lar: a casa e o lugar		Apropriação e (in) funcionalidades do Reassentamento		O Reassentamento e as transformações cotidianas	
Palavra	X ²	Palavra	X ²	Palavra	X ²
Casa	160,66	Comunidade	74,82	Atingir	301,92
Mulher	49,51	Reassentamento	50,67	Regularização	131,92
Trabalhar	41,81	Vulnerabilidades	49,56	Negociação	112,28
Morar	33,69	Cultural	46,53	Fundiário	109,7
Novo	32,53	Política	39,75	Indenização	82,06
Acostumar	25,86	Experiência	26,36	Participação	70,52
Antigo	22,93	Capacidade	46,53	Direito	61,17
Vender	20,75	Marginalização	25,5	Violação	59,79
Homem	17,96	Satisfação	25,11		

Fonte: Elaboração própria

Estes *subcorpus* foram organizados a partir da análise de conteúdo manual e os segmentos de texto (ST) passaram a categorizar o *corpus* com as categorias apresentadas e nomeadas. A categorização, segundo a análise de conteúdo, se fez com o agrupamento dos ST correlacionados que podem ser analisados a partir do quadro 1.

Quadro 1 - Nomeação das classes resultantes da Classificação Hierárquica Descendente

Categorias	Nomeação das Classes
Categoria 1	Apropriação e (in) funcionalidades do Reassentamento
Categoria 2	Reassentamento enquanto Lar: a casa e o lugar
Categoria 3	Reassentamento: processo, direitos e violações

Fonte: Elaboração própria

Dos 16 estudos selecionados, 05 se inspiravam em uma análise mais crítica acerca dos impactos e transformações do reassentamento. Os relatos apresentados traziam, de forma mais detalhada, as dificuldades de adaptação experienciadas pelos sujeitos reassentados no novo lugar se comparadas à vida que se viveu anteriormente ao deslocamento. A essas características textuais se remete a categoria 1, nomeada “Apropriação e (in) funcionalidades do Reassentamento”. Outros 08 artigos referem-se à categoria 2, nomeada “Reassentamento enquanto Lar: a casa e o lugar”. Esta categorização traz as características da casa assim como do lugar como importantes no cotidiano do reassentamento. E, com 03 artigos, com uma aproximação com a categoria 1, temos a última categoria, que retrata



especificamente sobre os processos de deslocamento e como são experienciados os processos de negociação, indenização e informação. A essa contextualização, delimitou-se a categoria 3 nomeada “O Reassentamento: processo, direitos e violações”, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 - Corpus organizado por categorias de análise, título do artigo e autor

Categoria	Título do Artigo	Autor/Ano
Categoria 1	"Gana deve progredir, mas estamos realmente sofrendo": Barragem de Bui, Desenvolvimento Antipolítico e as Implicações de Meio de Vida para Pessoas Rurais	Hausermann (2018)
	Reconstruindo territórios e identidades: O processo de inserção dos moradores do Reassentamento São Francisco de Assis nas cidades de Corbélia e Cascavel – Paraná	Pagliarini Junior (2009)
	A construção de uma usina hidrelétrica e a reconfiguração das identidades dos ribeirinhos: um estudo em Salto Caxias, Paraná	Derrosso; Ichikawa (2014)
	Reasentamiento tras el desplazamiento forzado: das comunidades étnicas en Colombia	Chenut; Ocampo Prado (2014)
	Dinámicas comunitarias en desplazados y no desplazados residentes en zonas de exclusión social en Barranquilla (Colombia)	Ramos-vidal (2017)
Categoria 2	Deslocamento induzido pelo desenvolvimento e mulheres: o caso da represa de Tehri, Índia	Bisht (2009)
	Impactos socioculturais e gênero nos reassentamentos da Usina Luís Eduardo Magalhães - TO	Parente; Miranda (2014)
	Hogar en tránsito: apropiaciones domésticas de la vivienda de interés social (vis) y reconfiguraciones del sentido de hogar	Santamaría (2008)
	Regularização fundiária e direito à cidade: as transformações na vida cotidiana dos(as) moradores(as) do Loteamento Barão de Mauá na cidade de Pelotas (RS)	Rosa; Barcellos (2021)
	Habitabilidad en la vivienda social en edificios para población reasentada: El caso de Medellín, Colombia	Mejía-Escalante (2012)
	La reubicación como proceso de desterritorialización	Arévalo Peña (2016)
	Reasentar um hábitat vulnerable: teoria versus práxis	Chardon (2010)
	Las respuestas de los habitantes al proyecto Ciudades Rurales.	Ruiz López (2017)
Categoria 3	Deslocamento populacional forçado por grandes barragens e resiliência ecológica: o caso da usina hidrelétrica de Barra Grande no Sul do Brasil	Roquetti, Moretto e Pulice. (2017)
	UHE Belo Monte: reassentamentos, reassentamentos rurais, participação social e direito à moradia adequada	Chaves, Monzoni e Artuso (2019)
	Reassentar e indenizar: formas de governo no contexto da implantação da usina hidroelétrica de Belo Monte, em Altamira, Brasil	Lacerda (2021)

Fonte: Elaboração própria

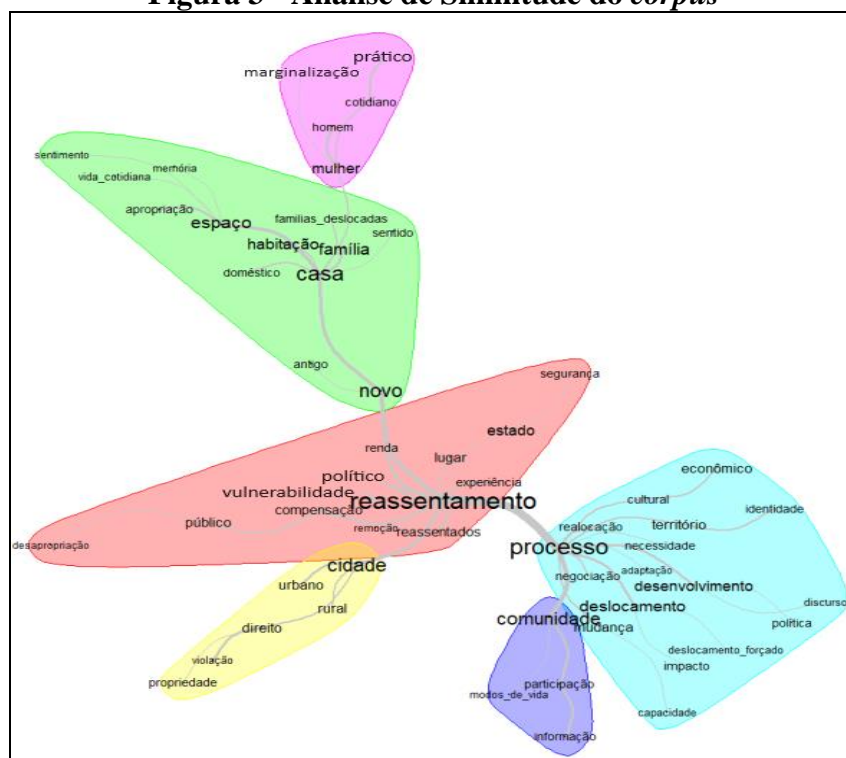
A análise de similitude permite identificar as coocorrências e a conexão entre as palavras, que remete ao modo como o conteúdo discursivo se estrutura. A partir da representação gráfica tem-se a Figura 3 representada, onde é possível observar os agrupamentos lexicais formados (*clusters*), representado a partir de um leque semântico de palavras mais frequentes, identificadas por cores distintas no grafo gerado.

Através da Análise de Similitude, observa-se a ênfase nas palavras reassentamento, processo e casa, as quais ramificam outros termos que possuem certa conexão. As palavras reassentamento e processo estão correlacionadas às categorias 1 e 3 que possuem similaridade no contexto total do corpus e a palavra casa à categoria 2, que se opõe. Pode-se interpretar por meio das conexões que a forma como o reassentamento é vivido, dentro das possibilidades funcionais e condições de apropriação dos sujeitos deslocados apresentam uma confluência em termo do tratamento da concepção teórica à forma



processual a qual este é proposto e implementado. Em contraposição, as conexões que remetem à casa e as interações que se revelam no âmbito doméstico aparecem no quadrante superior, diferenciando no conteúdo que se opõe enquanto perspectiva diferente.

Figura 3 - Análise de Similitude do corpus



Fonte: Elaboração própria

A fim de compreender de forma mais clara o conteúdo amostral, será apresentada uma análise interpretativa a partir dos segmentos de textos que compõem os artigos e que, agrupados nas três classes, foram considerados como mais relevantes pelo software e pela análise de conteúdo manual.

Categoria 1 – Apropriação e (in) funcionalidades do Reassentamento

O subcorpus 1, da classe A, com 41.71% dos ST do corpus relaciona-se com as formas pelas quais os reassentados se apropriam do espaço funcional do reassentamento. A palavra reassentamento se destaca por se referir à temática principal deste corpus. Outras palavras se fazem importantes como: cultural, experiência, pertencimento, capacidade, satisfação, marginalização e vulnerabilidades. Portanto, os desafios, consequências, dificuldades, satisfações e insatisfações descrevem de forma abrangente as diferentes perspectivas abordadas acerca do cotidiano nos reassentamentos nessa literatura amostral.



Os artigos relatam como os sujeitos reassentados associam esses diferentes sentimentos com relação ao reassentamento a partir das conquistas materiais alcançadas, da comparação com a vida vivida antes no antigo local ou mesmo em decorrência da forma como o projeto foi proposto e imposto. Nesse sentido, o elemento cultural aparece atrelado ao termo experiência. No artigo, “Reconstruindo territórios e identidades: O processo de inserção dos moradores do Reassentamento São Francisco de Assis nas cidades de Corbélia e Cascavel – Paraná, Pagliarini Junior (2009) relata que a construção territorial é um produto tanto da busca material quanto simbólica, visto que o espaço vivido, é múltiplo, diverso e complexo.

O autor descreve a trajetória de agricultores brasileiros reassentados em loteamentos urbanos e que, nos primeiros anos de reassentados, reivindicavam terras e infraestruturas agrícolas para se refazerem enquanto trabalhadores do campo. Passado este momento, estes mesmos reassentados se dedicaram em serem reconhecidos enquanto agricultores e mercedores das terras. Assim, as experiências de vida se fazem importantes diante da necessidade de se refazer no novo lugar e revelam também a necessidade da capacidade política, cultural, espacial e social para se apropriar do novo espaço. Ao serem reconhecidos como agricultores se atribui à narrativa a autoridade pessoal que lhes possibilita falar do lugar onde moravam e como se reconstruíram no reassentamento.

Considerando que os projetos de reassentamento são construídos com o objetivo de reduzir as vulnerabilidades já vividas, neste corpus os autores destacam as realidades às quais os reassentados experienciam com o deslocamento. Logo, relaciona-se este elemento - a vulnerabilidade, com as probabilidades negativas vividas pelo sujeito, ao ser exposto a uma ameaça natural, tecnológica, antrópica ou social que acomete danos materiais e/ ou sociais, como: perdas humanas e a capacidade destes de não se recuperar no curto, médio e longo prazo. Logo, é importante neste processo considerar desde a incapacidade de resistir à capacidade de absorver o impacto (resistência), bem como a adaptação a qualquer tipo de mudanças a fim de recuperar e restabelecer os meios e condições de vida.

A literatura é enfática em relatar como consequência do reassentamento o empobrecimento. Ainda que alguns textos apresentam como destaque a capacidade de alguns sujeitos reassentados em dar sentido à vida no lugar ao buscar se apropriar e se relacionar, as perdas e dificuldades são sempre destacadas quando se faz referência às incertezas quanto a vida que se refaz mediante às novas formas de direcionar a vida e o trabalho em busca da subsistência familiar, de aprender novas formas de cultivar a terra, de socializar e de estabelecer relações com a vizinhança, assim como as reuniões e festas locais.

Diante do posto, é possível afirmar que o reassentamento da forma como é proposto, muitas vezes mina a capacidade das pessoas de se encaixarem no novo projeto de vida. Hausermann (2018), descreve a realidade vivida em Gana, onde a dificuldade do manejo das novas terras e a falta de



acompanhamento técnico aos reassentados reduziu a capacidade alimentar da população, assim como a impossibilidade de uso do rio para a pesca. Tal situação se arrasta desde a mudança para o novo local levando esses moradores a buscarem formas alternativas de sobrevivência como por exemplo o deslocamento para o trabalho formal em outros municípios, acarretando a ausência por dias no ambiente doméstico ou a pesca em localidades mais distantes e em condições inóspitas, bem como a redução da quantidade de refeições/ dia.

Estes elementos também são trabalhados por Chenut; Ocampo Prado (2014) a partir da comparação de realidades culturais vivenciadas por comunidades camponesas indígenas reassentadas e por uma comunidade quilombola local, também impactada pelo projeto hidrelétrico, ambos localizados na Colômbia. Para os autores, muitas são as dificuldades desses dois grupos em retomar a vida. Para as duas localidades os níveis de subsistência e capacidade de gerar renda são precários após o reassentamento, isso somado à perda de acesso às estradas e recursos naturais. Contudo, para aqueles que moram no reassentamento o desafio se faz também na capacidade de apropriação do espaço, de socializar, de retomar as relações com aqueles que vivem no reassentamento e que viveram no antigo lugar.

Aqui, a incapacidade de se reproduzir no novo lugar as experiências do passado se fazem importante no processo de adaptação. Nesse sentido, as condições geracionais se destacam visto que entre os sujeitos de mais idade, os desejos e anseios quanto ao futuro estão diretamente relacionados com a capacidade de reprodução da vida vivida antes do deslocamento, principalmente se levar em consideração a condição de colono rural, o que para a nova condição de vida, em um ambiente urbano, impactam sobremaneira a manutenção das tradições e modos de vida das futuras gerações.

Essas disparidades se revelam em insatisfações e incertezas, mas, não se pode desconsiderar o que o novo lugar, ainda que para alguns, pode oferecer benefícios e satisfações. Os elementos satisfação e comunidade então se inter cruzam. Alguns aspectos levantados por Ramos-Vidal (2017) e Chenut; Ocampo Prado (2014) revelam que o senso de comunidade é uma característica multidimensional composta por fatores que influenciam no sentido de pertencimento e na satisfação das necessidades emocionais compartilhadas e que dão sentido aos projetos de futuro.

O elemento satisfação, segundo Rosa e Barcellos (2021), está mais relacionado à política de habitação instaurada. Apesar das críticas com relação às residências e as impossibilidades destacadas após a mudança para o reassentamento, a localização geográfica central e a segurança com relação à propriedade do imóvel são muitas vezes vistas como pontos positivos pelos sujeitos reassentados. A construção implica pensar quem vai morar neste lugar, onde eles querem morar e como eles querem morar, considerando não somente aspectos físicos, mas também e principalmente, os aspectos sociais,



culturais e econômicos. Assim, a satisfação não se refere apenas a aquisição de uma propriedade enquanto conquista material, para garantir sua reprodução e satisfação de suas necessidades vitais, mas também dos laços subjetivos e de identidade e afeto existentes entre o sujeito e o território.

Classe 2 – Reassentamento enquanto Lar: a casa e o lugar

A classe 2, que representa 43.15% de ST do corpus, tem seu contexto relacionado a casa e às condições às quais as pessoas ressignificam a vida. Nesta classe, diferentemente das outras duas, a maior parte dos ST está relacionado ao ambiente doméstico, a casa e a sua constituição enquanto um lar e caracteriza-se pela alta frequência das palavras mulher, acostumar, novo. Os ST os quais esta classe faz referência também com o passado vivido pelos sujeitos reassentados, podendo destacar o aparecimento de termos como antigo, memória.

A análise acerca do reassentamento a partir dessa classe se faz ao direcionar o olhar para a casa enquanto um conjunto de relações que envolve o ambiente físico e as interações. O ambiente doméstico circunscreve não só o espaço interno da casa, mas também espaços importantes como a fachada, o quintal e a vizinhança. Segundo Santamaría (2008), é esse contexto de conexão entre os sujeitos que habitam e as relações geradas no espaço/tempo que geram a sensação de lar, que é física e ao mesmo tempo simbólica. Físico porque através do uso do espaço/tempo um ambiente é ordenado e considerado habitável e simbólico, porque através do significado o ambiente torna-se compreensível.

O elemento casa será entendido não somente a partir da apropriação do espaço arquitetônico e das suas estruturas, mas a partir dos objetos e coisas que configuram funcional e esteticamente o ambiente doméstico. Nesse sentido, este mesmo autor pontua que é este caráter móvel dos objetos e coisas, das rotinas e rituais que possibilita que a casa se desloque de um lugar ao outro, recriando diferentes residências que dão sentido a ambientes habitáveis e compreensíveis.

Ao descrever sobre como os sujeitos mexicanos da cidade de Chiapas territorializaram o reassentamento, Ruiz López (2017) buscou identificar fatores que implicariam na identidade do novo lugar. Considerou-se relevante saber o que se mantém e o que se adaptou à vida no processo de reassentar, ao passo que nas interações que exigem o viver, as pessoas não são vistas apenas como sujeitos sociais, mas sim como atores sociais. Assim, afirma-se que a apropriação da casa se faz a partir do reconhecimento do antes e uma comparação com o agora e gera a identidade voltada para o processo da memória de reconhecer o novo, o movimento, os espaços e seus usos, bem como controlá-lo e adaptá-lo.



Contudo, apropriar o diferente é um processo lento. Ao serem atingidos pela construção da UHE de Malpasos e Peñitas, os sujeitos reassentados receberam do governo uma casa arquitetonicamente planejada em termos dos preceitos modernos de sustentabilidade: concepção, projeto, materiais utilizados, usos e vida útil. Embora satisfeitos pela possibilidade da moradia própria, estas não atendem às necessidades daqueles que ali residem, o que faz com que muitos moradores alterem o projeto principal e façam ajustes consolidando assim a reprodução dos seus modos de vida que se referem à identidade.

Para Santamaría (2008), a urbanidade que atravessa o projeto de reassentamento fica evidente quanto da mistura do camponês, do popular com o moderno na reconfiguração da casa e na forma como os sujeitos habitam o espaço doméstico. Aqui as táticas utilizadas por Certeau (2012) referem-se na forma como sujeitos utilizam os objetos e coisas, seja na forma como se organiza o lar a partir do que se tinha no antigo ambiente doméstico, seja na utilização dos novos produtos que se apresentam aos reassentados a partir do ideal de projeto que tem como proposta uma habitação moderna e contemporânea.

Neste sentido, o elemento novo se une ao elemento antigo, referindo-se aos dois momentos temporais os quais a casa é o elemento principal. Nesta classe, as características espaciais da habitação revelam uma mistura entre a vida que ficou no local de origem e a vida que se projeta e materializa no novo lugar. Esta mistura temporal, materializada na memória da disposição dos objetos e coisas, revela os usos passivos e silenciosos da intenção individual de resistência e ou adaptação à dinâmica da sociedade.

Embora a estrutura da casa esteja em constante transformação, pensar a casa do reassentamento é direcionar o olhar para uma moradia construída muitas vezes pelas autoridades para outros sujeitos morarem. É pensar em um padrão de casa homogêneo e esteticamente direcionado para um modo de vida urbano, ainda que este não seja o perfil dos seus moradores. Corroborando com o posto, Santamaría (2008) argumenta que nos estudos sobre a vida doméstica em moradias construídas pelo Estado, na prática, os ideais arquitetônicos geralmente conflitam com os modos de vida dos seus moradores. A história dos reassentados ajuda-nos na compreensão da habitação enquanto práticas vividas que, se impossibilitadas, geram o descontentamento, a insatisfação e até mesmo a circulação e a mudança para outros lugares.

Rosa e Barcellos (2021) relatam que a história individual dos sujeitos reassentados está relacionada à forma como cada um lidou e lida com o estranhamento do novo lugar e também a forma como estes sujeitos transformaram a moradia e o espaço coletivo. Aqui a dimensão do vivido se destaca ao descrever como ocorre a apropriação pelo uso, com base na memória e na identidade do vivido. Os



sujeitos reassentados então reinventam o espaço e o direito a ele, reformam as casas, recriam os espaços coletivos, ainda que, dentro do contexto do projeto inicial do reassentamento, essas determinações sejam proibidas.

A formatação do reassentamento, as condições e regras impostas aos moradores, as dificuldades de reproduzir o cotidiano direcionam ao elemento vender que se destaca também ao relacionar o sentimento constituído em relação à casa, às coisas da casa e ao espaço social e as interações possíveis. Enquanto os autores Rosa e Barcelos (2021) descrevem os processos de apropriação e transformação do lugar, Chardon (2010), faz referência ao reassentamento a partir da reconfiguração urbana, descrevendo as características as quais tornam um espaço habitável. Por outro lado, estes mesmos autores descrevem também os motivos pelos quais as pessoas podem simplesmente não acatar o ideal do reassentamento e, vender sua habitação. Com o tempo, o reassentamento pode sofrer deterioração que vai além do quesito físico-material como a marginalidade e a insegurança revelando o grande desafio para esses projetos.

Corroborando com os autores acima, Mejia-Escalante (2012) afirma que não se pode desconsiderar a forte relação que existe entre construção e habitação. Para o autor, o segundo conceito determina o primeiro à medida que a construção determina o habitar, contudo a forma física por si só não é fator determinante de satisfação. O autor ao descrever a situação do reassentamento Colombiano que não considerou em sua projeção as condições de empregabilidade e renda dos sujeitos reassentados e as táticas dos moradores em transformar suas residências em pontos comerciais, assim como se vivia no antigo local de origem.

Assim o elemento casa está sempre relacionado a acomodação, abrigo, bem-estar, aos cuidados da vida e tem estreita ligação com o termo trabalhar. Isso porque o trabalho está vinculado à manutenção das necessidades básicas dos seres humanos. E em diferentes contextualizações este elemento se faz importante na narrativa dos sujeitos reassentados: o trabalho doméstico, realizado pela mulher, e suas impossibilidades a partir das diferentes estruturas de casa, por exemplo, a ausência do fogão de lenha (ARÉVALO PEÑA, 2016); assim como a impossibilidade de a mulher ajudar o homem nas atividades nas propriedades rurais (PAGLIARINI JUNIOR, 2009). Em muitos casos, observa-se a necessidade do homem se deslocar em busca de trabalho fora do espaço do reassentamento e proximidades, acarretando o isolamento da mulher no reassentamento e ausência na vida cotidiana do lugar.

Tal impossibilidade ocasionado pela localização do reassentamento e as impossibilidades exigem o deslocamento temporário em busca de recursos financeiros (PARENTE; MIRANDA, 2014; PARENTE; SILVA JUNIOR, 2019); ou quando não há o deslocamento gera a ociosidade (BISHT, 2009); ou mesmo a mudança no tipo trabalho realizado após o reassentamento, seja no rearranjo da casa para uma atividade comercial (MEJÍA-ESCALANTE, 2012) seja na consolidação de atividades



industriais perto do reassentamento ou mesmo nas cidades próximas, configurando assim o cenário de progresso e modernidade que o projeto estrutural se apresenta aos sujeitos reassentados (PAGLIARINI JUNIOR, 2009).

Nesta classe fica evidenciado que morar no reassentamento e se apropriar tem extensa ligação com termo acostumar. Esses dois elementos se interagem para apresentar como eles estão diretamente relacionados com o cotidiano, com a (re) produção dos meios de subsistência, refletindo também nas relações de gênero e em como os efeitos são diferentes quando comparados homens e mulheres. Observa-se que as publicações buscam enfatizar o sentimento das mulheres em relação ao espaço que não existe mais e o reforço com relação à nova vida. Parente e Miranda (2014) ao descreverem sobre o reassentamento de Luís Magalhães, localizado no estado do Tocantins, Brasil, os autores evidenciam o cotidiano vivido e as relações sociais marcadas sempre pelo que foi deixado para trás. Na fala das mulheres fica evidente os papéis de gênero as quais vivenciaram e vivenciam bem como o custo social a que se viram obrigadas a arcar com a construção da usina hidrelétrica: a dor, o sacrifício e as perdas. As atividades atribuídas a cada sexo estão implicadas em uma subordinação de gênero as quais delimitam comportamentos e atitudes socialmente esperados.

Nesse sentido, as limitações impostas com o reassentamento têm sido reveladas nas narrativas das mulheres que descrevem a amplitude das transformações experienciadas. Isso porque, dentro dos papéis sociais às quais estão submetidas cabe a essas se identificarem a partir dos seus lugares de fala: a casa, as festas religiosas, as igrejas, as relações de vizinhança e de solidariedade.

Conforme apresentado por Bisht (2009), as mulheres são as que mais sofrem com a mudança para o reassentamento revelado pelo desempoderamento e marginalização que minam sua independência econômica e autonomia social. Isso porque no processo de reconstrução do cotidiano essas mulheres foram deixadas de fora, ficando restritas ao espaço doméstico alterado. Um exemplo são as mulheres de Tenhi, na Índia, que foram impactadas pela impossibilidade de participar das rotinas familiares, pela dependência ao se deslocar, pela incapacidade de ajudar no cultivo familiar, pela ociosidade dentro do ambiente doméstico enquanto reflexo da nova cultura local e dos novos modos de vida. Diante disso, as mulheres em grupo ocupam seu cotidiano explorando os lugares em busca de lenha e mantimentos e visitam o mercado local para aprender técnicas de negociação.

Classe 3 – O Reassentamento: processos, direitos e violações

Esta classe tem seu conteúdo associado à temática processual do reassentamento e seu impacto sobre a forma como os sujeitos experienciam o processo de deslocamento e reassentamento,



representando 15.14% de ST do corpus. O material textual desse grupo destaca os sujeitos, denominados pela literatura como atingidos pelo projeto de desenvolvimento que desinformados sobre os procedimentos do deslocamento e reassentamento se veem obrigados a se deslocar em função do uso e apropriação das terras para outros fins. Os termos que mais se destacam são: informação, regularização, negociação, deslocamento, atingido, entre outros.

Com maior frequência aparece o termo informação que, no contexto dos grandes projetos, se destaca por ser insuficiente e dificultar o envolvimento dos atingidos no planejamento das ações e das decisões quanto ao futuro. Chaves, Monzoni e Artuso (2019), na descrição acerca das violações vividas pelos sujeitos reassentados identificam que os atingidos desinformados não participaram das decisões acerca dos seus futuro.

Para os autores muitas vezes os critérios utilizados para mensuração dos impactos e reconhecimento dos atingidos mostram-se enviesados pela implementação de uma estrutura política que tem como pressuposto o aparato técnico acerca das melhores decisões quanto a redução de custos do projeto e a celeridade da sua implantação. Nesse sentido, os custos sociais dos projetos são sempre passíveis de mitigação e, externalizados à população local que vivencia os prejuízos materiais, sociais, econômicos e culturais.

Enquanto resultado desses processos, temos os termos negociação, indenização e regularização. A regularização aparece fortemente relacionada à questão fundiária, desejo e necessidade de terras, muitas vezes prometida e não cumprida. Já os demais surgem da necessidade de recompensar o sujeito que é deslocado do seu local de origem, ainda que essa indenização seja em espécie ou, enquanto melhor indicação proposta, o reassentamento. Chaves, Monzoni e Artuso (2019), apresentam as diferenças experienciadas pelos sujeitos que fizeram a opção pela indenização por dinheiro àqueles que optaram pelo reassentamento coletivo, na construção da Hidrelétrica de Belo Monte. Estas condições são então apresentadas aos atingidos que negociam as melhores condições de acordo com sua condição familiar e capacidade de diálogo ou mesmo não negociam, apenas recebem o posto visto as dificuldades de obter informações e as dificuldades de envolvimento nos processos.

São esses desencontros que, embasados pelo discurso da modernidade e do progresso, acarretam efeitos diversos na vida dos sujeitos. Aos sujeitos reassentados exige-se habilidades que sejam capazes de superar os desafios, muitas vezes impostos a partir das deficiências experienciadas: deficiência material e simbólicas. Chenut; Ocampo Prado (2014) argumentam que a primeira está relacionada ao jogo social e pode ainda vir enquanto subsídio governamental, mas, é no sentido da vida que esta segunda deficiência se revela importante. Marginalizado, desqualificado, com sua autonomia colocada



em questão e impossibilitado de decidir sobre seu futuro desafiam na busca de novas aprendizagens como o uso de mecanismos para reivindicar os direitos.

Lacerda (2021) destaca as impossibilidades de se reivindicar direitos em um processo proposto para gerir desigualdades. As análises propostas pelo autor descrevem como as formas de governo (empresas e Estado) direcionam ações na intenção de construir sujeitos racionalizados a partir das lógicas capitalistas de produção. Os processos então carregam formas intrínsecas de instauração de desigualdades e hierarquias a partir das quais utilizam o tempo enquanto recurso de espera e os trâmites burocráticos para garantir que muitas das ações possam ser repensadas e direcionadas para o baixo custo dos gastos enquanto se destina esforço à celeridade do processo de implantação do empreendimento.

Nesse sentido, direitos e violação se entrecruzam. Para este autor, o uso de formas de governabilidade conduz a aspectos técnicos e políticos e revelam o descompasso entre o montante de investimentos que se aplica ao projeto de reassentamento e os resultados energéticos que dele se poderiam depreender. Na construção da UHE de Belo Monte, o autor descreve como os atingidos passaram a desejar as mudanças prometidas, acreditaram nos planos apresentados que mesmo com o passar do tempo e com a mudança para o novo local não se efetivaram, gerando processos que se arrastam por anos.

Ao observar a presença destes termos aqui destacado, argumenta-se que essas mudanças impactam sobremaneira a forma como estes atingidos lidam com o novo lugar e o sentimento sentido acerca da reconstrução de vida que, em parte, é reflexo do processo de planejamento e execução dos reassentamentos bem como do modelo estrutural adotado que além de apresentar uma organização espacial diferente impede a manutenção das relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a apresentar como a literatura descreve os sentidos de apropriação e pertencimento acerca do cotidiano dos sujeitos reassentados no processo de reconstrução de vida após o deslocamento para o reassentamento. Utilizou-se como aporte teórico os estudos desenvolvidos sobre a temática do reassentamento e cotidiano, encontrada nas bases de dados. Argumentamos que, embora muito se tenha a discutir acerca dos impactos e efeitos que o reassentamento acarreta na vida daqueles que tiveram que se deslocar, é também necessário direcionar a compreensão para a vida que se refaz.

Nesta perspectiva, faz-se necessário destacar que há um confronto visível entre o passado, o presente e as expectativas que se destinou acerca do futuro. Esse confronto também se encontra expresso nas formas de produção vividas e experienciadas pelas famílias nos diferentes momentos históricos, mas



principalmente na condição a qual os sujeitos reassentados se reinventam cotidianamente frente as promessas não cumpridas, os desafios, incertezas e satisfações.

Enquanto análise do cotidiano pode-se inferir que a forma como o processo de deslocamento ocorreu impacta sobremaneira a forma como estes sujeitos reassentados irão se relacionar com os demais sujeitos e com o próprio espaço social. Assim, a primeira categorização da seleção amostral nos apresenta o sentido de apropriação a partir das funcionalidades e limitações que o reassentamento revela. A categoria dois já direciona o olhar para a casa e as relações possíveis estabelecidas dentro e fora do ambiente doméstico. E, por fim, na categoria 3 o destaque é dado ao processo de reassentamento em si e os efeitos das promessas cumpridas e não cumpridas sobre os sujeitos que ali precisam (sobre)viver.

Em relação ao sentido do reassentamento e o cotidiano, verificou-se que o reassentamento pode ser entendido enquanto estratégia imposta, apresentada a partir de um agir discursivo e imperativo de convencimento com vistas à aceitação, enquanto melhor solução às condições do deslocamento. Aqui as disputas de força são evidentes e caracterizam as promessas, as perspectivas apresentadas e impostas a partir de determinados padrões e condições que evidenciam as relações de poder institucionalizadas. Aquele que estabelece as regras e aquele que resiste ou as acata, os sujeitos reassentados.

Sobre as táticas utilizadas cotidianamente ao se apropriar e dar sentido à vida que se refaz se constatou que elas atuam a partir das resistências veladas e ou discursivas de insatisfação e descontentamento, quanto por meio de microresistências perante o que é imposto. Aqui destaque é dado às práticas de recomposição das condições de vida vividas antes do reassentamento, às práticas de subserviências ao que não é permitido, mas é realizado, assim como às práticas criativas de realização da vida no novo lugar.

Tendo em vista as artes de fazer o cotidiano as quais os sujeitos reassentados se apropriam ao se refazerem, é possível notar que as táticas são as maneiras de agir do “mais fraco”, isto é, são os desvios frente às barreiras impostas pelas estratégias de poder institucionalizadas e representadas também na configuração espacial do reassentamento. Assim, é importante um olhar mais aprofundado acerca da compreensão do conceito de lugar para auxiliar no entendimento do processo de desenvolvimento do sentido de identidade, pertencimento que compreende o espaço, principalmente ao se considerar que o seu sentido vai além da matéria física, engloba aqui a história, o social e o cultural explorado por meio das relações, da inserção do sujeito enquanto capaz de exercer poder e se fazer parte desse ambiente físico.

Assim, os significados elaborados a respeito do novo lugar e da nova vida não são isentos de sentidos, muito pelo contrário, neles se imprimem as formas de simbolizar e evocar condutas e reações



sobre si mesmo, sobre o espaço e sobre as experiências vividas tanto no ambiente micro, quanto macro, ou seja, vivências individuais e coletivas. A partir desse processo é importante destacar que, ainda que vitimizados, estes sujeitos ao agirem no cotidiano se tornam agentes das suas próprias vidas, num contexto em que a ação e a linguagem utilizada nunca é neutra e, sim instituída, intencional e composta pelas perspectivas e condutas dos sujeitos no mundo.

REFERÊNCIAS

ARÉVALO PEÑA, M. L. “La reubicación como proceso de desterritorialización”. **Política y Cultura**, n. 45, 2016.

BANCO MUNDIAL. “BR Municipal APL: Sao Luis Enhancing Municipal Governance and Quality of Life Project (P094315)”. **Latin America na Caribbean, Water Global Practice**, n. 12, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

BARTOLOME, L. J.; DANKLMAIER, C. M. “Hydrodevelopment and Population Displacement in Argentina”. In: TORTAJADA, C. *et al.* (eds.). **Impacts of Large Dams: A Global Assessment**. Berlin: Springer, 2012.

BISHT, T C. “Development-Induced Displacement and Women: The Case of the Tehri Dam, India”. **Ásia Pacific Journal of Anthropology**, vol. 10, n. 4, 2009.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)**. Santa Florianópolis: UFSC, 2018.

CERNEA, M. M. “Re-examining “Displacement”: A Redefinition of Concepts in Development and Conservation Policies”. **Social Change**, vol. 36, n. 1, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CHARDON, A. C. “Reasentar un hábitat vulnerable: teoría versus práxis”. **Revista INVI**, vol. 25, n. 70, 2010.

CHAVES, K. A.; MONZONI, M.; ARTUSO, L. F. “UHE Belo Monte: reassentamentos rurais, participação social e direito à moradia adequada”. **Revista Direito GV**, vol. 15, n. 2, 2019.

CHENUT, P.; OCAMPO PRADO, M. “Reasentamiento tras el desplazamiento forzado: das comunidades étnicas en Colombia. Iztapalapa”. **Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, vol. 35, n. 76, 2014.



DERROSSO, G. S.; ICHIKAWA, E. Y. “A construção de uma usina hidrelétrica e a reconfiguração das identidades dos ribeirinhos: um estudo em Salto Caxias, Paraná”. **Revista Ambiente e Sociedade**, vol. 17, n. 3, 2014.

ESPEJEL, A. G. “Impacto social de proyectos hidráulicos: una aproximación a una política del reacomodo social en México”. **Veguetá: Anuario de la Facultad de Geografía e Historia**, vol. 13, 2013.

FRIGO, A.; FERREIRA, M. A. A. “Itaipu Binacional x Avá-Guarani: o discurso do progresso no processo de desapropriação de terras na região Oeste do Paraná”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 45, 2023.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GOUVÊA, J. B. **Estudo do cotidiano de pequenos produtores rurais no ambiente da feira livre constituída a partir da gestão cooperativa** (Dissertação de Mestrado em Administração). Paraná: UEM, 2014.

HANNA, P. *et al.* “The importance of cultural aspects in impact assessment and project development: reflections from a case study of a hydroelectric dam in Brazil”. **Environment and Sustainability: Impact Assessment and Project Appraisal**, vol. 34, n. 4, 2016.

HAUSERMANN, H. “Ghana must Progress, but we are Really Suffering”: Bui Dam, Antipolitics Development, and the Livelihood Implications for Rural People. **Society and Natural Resources**, vol. 31, n. 6, 2018.

LACERDA, P. “Reassentar e indenizar: formas de governo no contexto da implantação da usina hidroelétrica de Belo Monte, em Altamira, Brasil”. **Revista Etnográfica**, vol. 25, n. 3, 2021.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. L. “Analyse de similitude appliquée aux *corpus* textuels: les primaires socialistes pour l’élection présidentielle française”. **11èmes Journées Internationales d’Analyse Statistique des Données Textuelles**, vol. 1, 2012.

MATOS, E. A. C.; MEDEIROS, R. M. V. “Acumulação por espoliação: uma reflexão sobre a sua introdução em Moçambique”. **Revista IDeAS**, vol. 7, 2015.

MEJÍA-ESCALANTE, M. “Habitabilidad en la vivienda social en edificios para población reasentada: El caso de Medellín, Colombia”. **EURE**, vol. 38, n. 114, 2012.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

PAGLIARINI JUNIOR, J. “Reconstruindo territórios e identidades: O processo de inserção dos moradores do Reassentamento São Francisco de Assis nas cidades de Corbélia e Cascavel – Paraná”. **Espaço Plural**, vol. 10, 2009.

PARENTE, T. G.; MIRANDA, C. “Impactos socioculturais e gênero nos reassentamentos da Usina Luis Eduardo Magalhães – TO”. **Varia História**, vol. 30, n. 53, 2014.

PARENTE, T. G.; SILVA JUNIOR, C. P. “De estrada líquida à jazida energética: os sentidos do rio Tocantins na memória oral dos ribeirinhos”. **Revista Tempo e Argumento**, vol. 11, n. 28, 2019.



RAMOS-VIDAL, I. “Dinámicas comunitarias en desplazados y no desplazados residentes en zonas de exclusión social en Barranquilla (Colombia)”. **Revista de Estudios Sociales**, n. 60, 2017.

REDDY, G.; SMYTH, E.; STEYN, M. **Land access and resettlement: a guide to best practice**. London: Routledge, 2015.

RODRIGUES, M. M. B.; CAVALCANTE, M. M. A. “Longe do rio, longe da cidade: UHE Belo Monte, deslocamentos compulsórios e segregação em Altamira (PA)”. **Revista Ciência Geográfica**, vol. 26, n. 01, 2022.

RODRIGUES, V. “Simbioses de um conflito. Desplazamiento e identidade negra na Colômbia”. **Revista CS**, n.12, 2013.

ROQUETTI, D. R.; MORETTO, E. M.; PULICE, S. M. P. “Dam-Forced Displacement and Social-Ecological Resilience: The Barra Grande Hydropower Plant In Southern Brazil”. **Revista Ambiente e Sociedade**, vol. 20, n. 3, 2017.

ROSA, N. C.; BARCELLOS, S. B. “Regularização fundiária e direito à cidade: as transformações na vida cotidiana dos(as) moradores(as) do Loteamento Barão de Mauá na cidade de Pelotas (RS)”. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, vol. 23, 2021.

RUIZ LÓPEZ, C. F. “Las respuestas de los habitantes al proyecto Ciudades Rurales Sustentables en Chiapas (México)”. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, vol. 26, n. 1, 2017.

RUSANSKY, T. “Embroidering Resistance: Emotional, embodied, everyday struggles of women affected by dams in Brazil”. **Geoforum**, v. 127, 2021.

SANTAMARÍA, J. D. S. “Hogar en tránsito apropiaciones domésticas de la vivienda de interés social (vis) y reconfiguraciones del sentido de hogar”. **Antípoda: Revista de Antropología y Arqueología**, n. 7, 2008.

SANTOS, S. **Lamento e dor: uma análise sócioantropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens** (Tese de doutorado em Ciências Sociais). Belém: UFPA, 2007.

VANCLAY, F. “After 50 years of social impact assessment, is it still fit for purpose?” **Current Sociology**, vol. 5, 2023.

VANCLEEF, A. “Hydropower Development and Involuntary Displacement: Toward a Global Solution”. **Indiana Journal of Global Legal Studies**, vol. 23, n. 1, 2016.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 16 | Nº 47 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima